

**Artigo****Configurações da infância na cidade: desigualdade interbairros e nos usos dos tempos e espaços por crianças curitibanas****Configurations of childhood in the city: inter-neighborhood and usage of time and space inequalities by children from Curitiba****Configuraciones de la infancia en la ciudad: desigualdad entre los barrios y en los usos de los tiempos y espacios por niños de Curitiba.****Valéria Milena Rohrich Ferreira<sup>1</sup>, Solange Pacheco Ferreira<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, Brasil

**Resumo**

Este artigo analisa dados de um questionário respondido por 1060 famílias sobre o uso que crianças moradoras de diferentes bairros de Curitiba, faziam do bairro de moradia e da cidade. Para a análise dos dados, utilizou-se autores das ciências sociais (Elias, Lahire), da sociologia urbana, da infância entre outros. Evidenciou-se que crianças moradoras do norte e região central socializavam-se mais em ambientes consolidados de lazer e cultura, faziam mais atividades voltadas ao modo escolar de socialização e atividades esportivas elitizadas e espiritualizadas. Já as do sul e extremo sul faziam mais atividades próximas de um enquadramento cívico, moral e religioso e realizavam mais atividades esportivas ligadas à defesa pessoal. Conclui-se que o bairro e a cidade também contribuem nos processos de socialização influenciando na formação de redes de interdependência que podem ser mais, como também menos variadas, elásticas e móveis do ponto de vista espacial.

**Abstract**

This study analyzes data from a questionnaire that was responded by 1060 families about the usage that children who live in different neighborhoods in Curitiba made in the neighborhood they lived and in the city. In order to analyze this data, authors from social sciences (Elias, Lahire), urban sociology, childhood and others were used. It was observed that children who live in the northern and central regions socialized more in consolidated leisure and cultural spaces, did more activities focused on the school manner of socialization and did elitist sport activities and spiritual ones as well. On the other hand, southern and extreme southern region children did more activities close to a civic, moral and religious framing and did more sport activities connected to personal defense. It is possible to conclude that the neighborhood and the city also contribute in the socialization processes influencing on the creation of webs of interdependence that may be both more and less varied, elastic and mobile from the spatial view.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Paraná (Setor de Educação-Departamento de Planejamento e Administração Escolar), Pós-Graduação em Educação.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-8096-2175>E-mail: [valeriarohrich@gmail.com](mailto:valeriarohrich@gmail.com)<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-9917-4788>E-mail: [sole\\_pacheco@yahoo.com.br](mailto:sole_pacheco@yahoo.com.br)

## Resumen

Este trabajo analiza los datos de un cuestionario contestado por 1060 familias, que reflexiona cómo los niños de distintos barrios de Curitiba utilizaban su espacio. Fueron usados autores de distintas áreas, como las ciencias sociales, la Sociología urbana y la infancia. Se resaltó que los niños que viven en las regiones central y norte interactuaban más en los ambientes consolidados para el ocio y cultura, realizando acciones volcadas a la socialización e insertas en un horizonte elitista y espiritualizado. Por su parte, los chicos de la región sur y extremo sur practicaban más actividades relacionadas con un patrón cívico, moral y religioso, con interés para la defensa personal. Se concluye que el barrio y la ciudad contribuyen en los procesos de socialización, influyendo en la formación de las redes de interdependencia, que pueden ser más o menos variadas, elásticas y flexibles desde la perspectiva espacial.

**Palavras-chave:** Criança, Bairro, Cidade, Socialização.

**Keywords:** Child, Neighborhood, City, Socialization.

**Palabras clave:** Niños, Barrio, Ciudad, Socialización.

## Introdução

*A escolha por lugares urbanos abertos e acolhedores  
é um ato político, nem mais nem menos.*

Thierry Paquot

Este texto discute alguns dados de uma pesquisa intitulada “Vivendo a infância na cidade: redes de interdependência de crianças e processos de socialização em configurações urbanas”. A partir de uma pesquisa exploratória com produção de dados qualitativos com 6 crianças em 4 diferentes bairros da cidade de Curitiba (FERREIRA, V., 2015, 2016), optou-se, na sequência, por um trabalho multiescalas, ou seja, articulando dados qualitativos e quantitativos. A produção de dados quantitativos possibilitou que se conhecesse de modo geral o uso dos bairros e da cidade pelas crianças e suas famílias para que, na continuidade, se pudesse realizar uma pesquisa qualitativa mais precisa, intensiva e aprofundada com as próprias crianças. Imaginava-se que esta pesquisa quantitativa, extensiva, traria dados muito preliminares, mas, uma análise mais detalhada destes dados, já evidenciou pistas relevantes que serão justamente discutidas aqui.

Este artigo, portanto, analisa alguns dos dados produzidos entre 2014-2015, a partir da aplicação de um questionário (com 40 questões, entre abertas e fechadas) que foi entregue a 1600 famílias de crianças dos 5<sup>os</sup> anos (e em poucos casos também com as dos 4<sup>os</sup> anos), de 27 escolas municipais distribuídas nas nove regionais existentes na cidade de Curitiba à época (atualmente a cidade é dividida em dez regionais administrativas). O objetivo foi, portanto, o de compreender alguns aspectos relacionados aos usos que crianças, moradoras de diferentes bairros, faziam tanto do bairro de moradia quanto da cidade (uso de comércio, lugares destinados à brincadeira, frequência a parques, museus, shoppings, cinemas entre outros).

A princípio selecionou-se um bairro de cada uma das nove regionais da cidade, tendo como critério, para a escolha dos bairros, que ao menos uma das oito

pesquisadoras<sup>3</sup> da equipe, à época, morasse ou conhecesse bem o bairro selecionado. Definido cada um dos bairros, partiu-se para a escolha de escolas públicas municipais de período regular que estivessem situadas em regiões distintas dentro de um mesmo bairro: uma escola que estivesse em uma região central do bairro (próxima de comércios, grandes avenidas, acesso a ônibus e outros equipamentos importantes do bairro), chamada na pesquisa de Perfil 1; uma escola localizada em uma parte mais afastada do bairro (com poucos equipamentos, longe das grandes avenidas e/ou em espaços considerados regiões vulneráveis), chamada na pesquisa de Perfil 3; e uma terceira escola que estaria situada em uma região intermediária entre as duas outras escolas, nem tão longe nem tão próxima do centro do bairro, chamada na pesquisa de Perfil 2. Na sequência observou-se que as escolas selecionadas situavam-se em regiões da cidade com UDHS (Unidades de Desenvolvimento Humano<sup>4</sup>) com um índice socioeconômico maior para as de Perfil 1 e 2 e menor para as de Perfil 3. Outro fato coincidente foi o de que o IDEB<sup>5</sup> das escolas do Perfil 1 e 2 era, na maior parte das vezes, maior do que o das escolas de Perfil 3.

Uma vez localizados os três perfis de escola, verificou-se que, em alguns casos, embora a comunidade utilizasse o bairro selecionado para estudo (usando o mesmo comércio, equipamentos, ônibus, espaços de lazer etc.), a escola localizava-se (às vezes pela diferença de uma ou duas ruas) já em outro bairro. No caso da não possibilidade de escolha de outra escola que mantivesse o critério de seleção de apenas um bairro para cada regional, precisou-se abranger dois ou até três bairros próximos dentro de uma mesma regional. Foi o caso da Regional da Matriz, por exemplo, regional pequena que acabou agregando escolas de três bairros vizinhos para que fosse possível manter o critério dos três diferentes perfis.

A análise dos dados desses perfis, dentro de um mesmo bairro ou bairros bem próximos, demonstrou já de início uma heterogeneidade de usos no interior de cada bairro. Mas, este artigo não discutirá essa diversidade “intrabairros” (temática discutida em outro artigo, FERREIRA, V e FERNANDES, no prelo), aqui se fará justamente o contrário, se homogeneizará os dados referentes aos três perfis de um mesmo bairro para deixar aflorar as diferenças “interbairros”, ou seja, se verificará se há diferenças no uso dos espaços por parte de crianças moradoras de diferentes bairros da cidade.

É importante destacar ainda que a parte do questionário aqui analisada se refere somente ao uso de equipamentos de lazer e cultura conhecidos por muitos moradores e aqui chamados de “espaços consolidados” da cidade (como, por exemplo, parques, praças, museus, shoppings e cinemas). Em outra parte do

---

<sup>3</sup> O grupo de pesquisa, à época, era composto por duas alunas de graduação (Patricia S. Ribeiro e Sabrina Fiorese), duas pedagogas da Prefeitura Municipal de Curitiba (Julia do Carmo P. S. Cardoso e Rita de Cassia G. Waldrigues), três orientandas de mestrado (Solange Pacheco Ferreira, Sonia Maria Fernandes e Rojanira R. dos Santos) e uma doutoranda em Ciências Sociais (Fernanda Pismel).

<sup>4</sup> As Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH) são áreas dentro das regiões metropolitanas que podem ser uma parte de um bairro, um bairro completo ou ainda, em alguns casos, até um município pequeno. A homogeneidade socioeconômica é o que define os limites das UDHS, que são formadas a partir da agregação dos setores censitários do IBGE e que foram delineadas buscando-se gerar áreas mais homogêneas que, por exemplo, as áreas de ponderação formuladas pelo IBGE. (<http://atlasbrasil.org.br/2013/>)

<sup>5</sup> O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) criado em 2007, reúne em um só indicador, os resultados de dois conceitos importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações.

questionário, teve-se a preocupação de perguntar sobre os “microespaços” do bairro, espaços não conhecidos de todos, mas, bastante utilizados pelas crianças e famílias ou ainda produzidos ou ressignificados por elas (por exemplo, a rua em que as crianças brincam de carrinho de rolimã, o estacionamento do mercadinho onde andam de bicicleta etc.). Mas essas “microproduções do espaço da cidade” (NAVEZ-BOUCHANINE in REMY, 2015) também não serão objeto de análise aqui, sendo analisados em outro momento (FERREIRA, V. e SANTOS, R, 2019)

Ainda sobre a produção de dados, quando as famílias responderam o questionário, elas o fizeram com base nos filhos que estudavam nos 5<sup>os</sup> anos e em alguns poucos casos, dos 4<sup>os</sup> anos. Posteriormente, as conversas foram, portanto, com crianças que tinham em torno de 9 a 11 anos de idade.

Quanto aos aspectos éticos para a realização da pesquisa, foram respeitadas todas as diretrizes e normas presentes na discussão instituída pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED), no Grupo de Trabalho (GT) Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Nesse sentido, primeiramente foi solicitada à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba uma autorização para entrar em contato com as escolas e perguntar aos diretores se estes gostariam de participar da pesquisa, sendo que a maioria das escolas previstas concordou. E, em um segundo momento, foi explicado a todos os sujeitos envolvidos (professores das turmas, pais ou responsáveis e principalmente para as crianças) sobre a natureza, os objetivos e as intenções da pesquisa. Perguntou-se a todos – pais, por meio de bilhete, crianças e professores, pessoalmente – se gostariam de participar da pesquisa.

Com relação a este artigo, ainda uma última questão precisa ser ressaltada. Como a pesquisa não contou com uma quantidade grande e variada de bairros dentro de uma mesma regional, como um trabalho amostral o faria, seria um equívoco tomar o que disseram as famílias de um, ou em alguns casos dois ou três bairros, como sendo representativo de uma regional inteira (por exemplo, mencionar a Regional do Boqueirão, quando o bairro pesquisado foi apenas o Xaxim). E, por outro lado, como mencionar somente o bairro pesquisado quando em alguns casos, por critérios acima descritos, foi necessário trabalhar com dois ou três bairros de uma mesma regional? Desta forma, utilizou-se, o termo “Local Selecionado” (Ls) e em seguida o nome da Regional, pois desta forma resguardou-se a ideia de que os dados produzidos foram, em alguns casos, de uma região maior do que a de um único bairro, mas também não tão amplos como de uma regional inteira. No Quadro 1, portanto, os locais selecionados de cada Regional:

**Quadro 1**

**Locais selecionados de cada regional**

Região e distância do centro da cidade	Sigla utilizada	Local selecionado de cada regional
Norte da cidade (6 km do centro)	Ls-SF	Da regional Santa Felicidade (SF): bairros do Santo Inácio, Mossunguê, Campo Comprido
Norte da cidade (4,3 km do centro)	Ls-BV	Da regional Boa Vista (BV): bairro Pilarzinho, Abranches (englobando também uma escola que fica na divisa com o Vista Alegre)
Região central (1,5 km do marco zero)	Ls-MZ	Da regional da Matriz (MZ): bairros do Alto da XV, Rebouças e Bom Retiro

Região sudeste <sup>6</sup> (7 km do centro)	Ls-CJ	Da regional do Cajuru (CJ): bairro Uberaba
Região sudoeste (8,7 km do centro)	Ls-CIC	Da regional da Cidade Industrial (CIC): bairro CIC (Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais)
Região sul (10 km do centro)	Ls-BQ	Da regional do Boqueirão (BQ): bairro Xaxim
Região sul (10 km do centro)	Ls-PR	Da regional do Portão (PR): bairro Novo Mundo
Região do extremo sul (12 km do centro)	Ls-BN	Da regional do Bairro Novo (BN): bairro Umbará (englobando também duas escolas que ficam na divisa de Umbará com Alto Boqueirão e Caximba)
Região do extremo sul (15 km do centro)	Ls-PN	Da regional do Pinheirinho (PN): bairro Tatuquara

Fonte: Autoras (2015).

Na sequência propõe-se discutir aspectos teóricos que vêm embasando a pesquisa e posteriormente analisar alguns dados do questionário mencionado.

## 1. Configurações das crianças na cidade

Para compreender a relação das crianças com o bairro e a cidade, tem-se acionado autores tanto da Sociologia da Infância quanto da Sociologia Urbana, além de autores das Ciências Sociais, com ênfase em Elias e Lahire.

Estudos associados à infância têm tido maior visibilidade atualmente nos estudos sociológicos tanto internacionais quanto nacionais. Sabe-se que tais estudos não só apresentam a criança como uma atora social de pleno direito (SARMENTO; PINTO, 1997), mas também como produtora de cultura e cidadã que atua no mundo como qualquer outro sujeito. Para Sarmento (2005), a categoria infância não pode ser analisada no “vazio social”, mas deve-se considerar tanto as condições sociais das crianças em determinado contexto histórico quanto a posição ocupada por elas na estrutura social. É a partir dos estudos sobre as culturas infantis que se poderá compreender como as crianças vivem, se relacionam com o mundo e dão sentido a essas aprendizagens. Assim, pode-se pensar a infância como uma construção social (SARMENTO; PINTO, 1997) que a diferencia de outros grupos e categorias sociais.

Outro autor importante no campo é Qvortrup (2011) que, a partir de uma perspectiva estruturalista, ressalta duas características envolvidas com a infância: a primeira relaciona-se à institucionalização das crianças, uma espécie de confinamento que coincidiria com a conclusão da escolarização compulsória. A segunda, estaria relacionada à condição da criança como menor, uma ideia instituída pelo grupo dos adultos que resultaria na própria invisibilidade da criança ao ser analisada pelo mundo dos adultos. Neste aspecto, o autor chama a atenção para que os estudos da infância sejam realizados a partir da experiência da própria

<sup>6</sup> Optou-se por agrupar, na análise dos dados, os bairros Uberaba no Cajuru e Vila Nossa Senhora da Luz, na CIC junto com outros bairros situados ao sul. Se fez desta forma, pois, embora as duas regionais se situem no sudeste ou sudoeste da cidade, os bairros selecionados de cada uma delas se situam mais ao sul destas regionais. A título de exemplo, a Vila Nossa Senhora da Luz fica na mesma direção lateral que o Capão Raso e o bairro Uberaba, na mesma direção da Vila Hauer, bairros reconhecidamente do sul da cidade.

criança que, como sujeito concreto, pertence a uma classe social, a um gênero, uma raça e a um território.

Nesta pesquisa, outro autor fundamental é Norbert Elias (1994a, 1994b) que cria o conceito de Configuração Social justamente como uma solução para o que ele considerava inconcebível nas análises sociais, a separação entre indivíduo e sociedade. Compreender as crianças em configurações sociais evitaria tanto uma análise delas como soltas e independentes do mundo social quanto a partir de uma generalização abstrata de “crianças curitibanas”. Nesta perspectiva, cada criança constrói redes de interdependência bem específicas a depender das relações com seus pares, família e outros adultos a sua volta, assim como a partir dos meios tecnológicos que dispõe e dos locais que frequenta, como instituições e outros espaços relacionados ao momento histórico em que vive. Nestas redes há ainda que se considerar uma diversidade de fatores relacionados à raça, ao gênero, à etnia, à classe, à religiosidade, entre outros tantos.

Para Elias (1994a, 1994b e também em diversas outras obras) todos os seres humanos dependem uns dos outros, formando redes compostas por práticas que orientam o indivíduo no seu cotidiano. As redes de diferentes pessoas interdependentes formam uma determinada configuração social. Essas configurações são como um tecido em que não se pode analisar cada fio isoladamente, ou mesmo todos eles isoladamente considerados, mas é preciso “compreendê-los em termos da maneira como se ligam, de sua relação recíproca”; e, ainda, “a forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira” (ELIAS, 1994a, p. 35). E o indivíduo vai se transformando ao entrar em contato com diferentes redes ao longo da vida:

Não somente a primeira educação, mas também as experiências na escola e na universidade, tudo o que se vive, mais tarde, por meio do trabalho e do lazer, como pais e avós, à idade da aposentadoria ou durante a velhice etc., contribuem à formação da personalidade. À medida que o ser humano passa de um grupo a outro, ele sofre mudanças na sua individualidade. Nesse sentido, o processo de socialização – se podemos chamá-lo assim – não cessa jamais; ele dura tanto tempo quanto o indivíduo está vivo (ELIAS, 2010, p. 76).<sup>7</sup>

Outro conceito utilizado na pesquisa é o de socialização. E o conceito é apreendido aqui não no sentido durkheimiano (uma socialização vertical, do adulto para a criança e por meio apenas de instituições sociais), mas no sentido de “processo”, como também proposto por Lahire (1997, 2002a, 2002b). Para este autor, as socializações na contemporaneidade são plurais, ou seja, realizadas por uma multiplicidade de atores sociais (inclusive a partir dos pares) e contraditórias (diferentes atores com diferentes lógicas de ação). Para este autor, as sociedades contemporâneas são

(...) incomparavelmente mais extensas do ponto de vista tanto espacial como demográfico, com forte diferenciação das esferas de ação, das instituições, dos produtos culturais e dos modelos de socialização e com menos estabilidade das condições de socialização. (LAHIRE, 2002a, p. 27).

---

<sup>7</sup> Tradução livre da versão francesa realizada pelas autoras. Além deste, outros trechos, de outros autores, também são tradução livre do francês.

Desse modo, a criança “participa de sua própria socialização, mas também da reprodução e da transformação da sociedade” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 391).

Na pesquisa, de modo geral, de fato observou-se que as crianças circulavam por diversos espaços do bairro, realizando várias atividades e demonstrando os processos plurais e contraditórios descritos por Lahire. Já desde a pesquisa exploratória (FERREIRA, V., 2015, 2016), encontrou-se, por exemplo, uma criança que em um momento se arrumava “com *babyliss* no cabelo” para ir à igreja, atuar como coroinha, com uma postura corporal beirando a angelical. Em outro momento, apresentava-se com um corpo rígido, conduzindo a turma para uma “ordem unida”, em marcha, nas atividades realizadas no projeto Guarda Mirim, que acontecia no pátio da igreja próxima à escola. Ainda era vista de forma bem mais descontraída no shopping do bairro com as amigas, ou em tantos outros espaços de socialização da cidade.

Sobre as socializações contraditórias, pode-se pensar ainda em outra criança da pesquisa exploratória que precisava omitir, na escola, que morava na favela para não sofrer *bullying* das amigas. No entanto, por exemplo, na casa das irmãs da igreja, onde fazia curso de artesanato, ou para o pessoal da Companhia de Habitação Popular de Curitiba (Cohab), ela deveria dizer, juntamente com a mãe, onde morava para obter formas de auxílio e moradia.

Enfim, observou-se por um lado diferentes formas de apropriação do bairro e diversas táticas das crianças e de suas famílias para poder atuar e viver nele da melhor forma, e por outro, percebeu-se que cada bairro influencia de forma diferente a vida das crianças e de suas famílias. Trabalha-se aqui, portanto, com o conceito de bairro como “uma entidade produtora, dispondo de propriedades próprias que têm efeitos sobre ‘o curso das ações humanas’, e, em particular, sobre as maneiras de habitar e de coabitar dos indivíduos”. (AUTHIER, 2006, p. 209). Segue nessa mesma direção Remy (2015), outro autor da sociologia urbana que considera que todo espaço é relacional, socializado por pessoas, mas também socializante e que imprime sua marca sobre as sociedades. Contudo, essa influência é sempre imprevisível e não determinista, é probabilista e semialeatória. Esse sociólogo acredita que se, por um lado, não é o caso de pensar na categoria espaço como se fosse autônoma – pois há uma linha tênue entre as formas espaciais e a hierarquia social –, por outro, é preciso integrar o espaço como um elemento estruturante da materialidade do social.

E, na atualidade, os processos de socialização das pessoas nos espaços do bairro e da cidade estão cada vez mais influenciados pela força da urbanização e da mobilidade constante. Participa-se de uma sociedade em que se vive mais e se trabalha menos do que, por exemplo, na sociedade feudal ou industrial. Para Viard (2011), se antes o tempo livre era dedicado a Deus e tempos depois ao descanso para repor as energias gastas em grande número de horas trabalhadas, na atualidade, vive-se em uma “sociedade do tempo livre”, sendo que este tempo é utilizado para o lazer, o cuidado de si mesmo e os estudos. As pessoas se deslocam mais para realizar atividades que contemplem estes anseios, produzindo uma cultura da mobilidade. No entanto, tal mobilidade também está relacionada a várias outras causas: urbanização crescente, tamanho das cidades, sociedade de consumo, instabilidade da marcha do trabalho, preço da terra etc. Assim a mobilidade tem se tornado um capital e está presente no imaginário social das pessoas:

(...) o desenvolvimento das mobilidades é uma tendência forte, dominante, socialmente clivada e realizada por uma história coletiva

interiorizada pelo conjunto da sociedade – e inclusive pelos excluídos. A mobilidade generalizada nos construiu um novo imaginário social, com questões atrativas que remetem à liberdade, ao tempo para si mesmo, à descoberta, à diversidade. Também, para lá das práticas concretas e de suas fortes diversidades, o imaginário da sociedade móvel e a cultura do trajeto social e espacial tornaram-se largamente dominantes. (VIARD, 2011, p. 125).

Mas, embora todos queiram ser móveis e autônomos em seus deslocamentos, os que não têm esta possibilidade são excluídos no jogo social. As desigualdades, no uso da cidade, relacionam-se, entre tantas outras coisas, com a proximidade ou afastamento de locais de trabalho, lazer e cultura.

Dessa forma, se quer aqui problematizar se os espaços de lazer e cultura disponibilizados pela cidade são partilhados por todas as crianças da mesma forma, ou se são direcionados somente para certos tipos de moradores. Há problemas de mobilidade no uso desses espaços? Os espaços acolhem todos os seus cidadãos da mesma forma?

Estudos contemporâneos, para além de demonstrar que os espaços são apropriados de diferentes maneiras e que apresentam diversos usos, têm também apontado para uma desigualdade social imensa e a cada dia mais intensificada destes usos. Castells (2009), por exemplo, escreve que existem hoje megacidades que contam com espaços de fluxos (de capital, de informação, de tecnologia, de interação, de imagens e símbolos) que se apresentam como centros nodais com redes de interação via equipamentos; importantes funções estratégicas e de informação; e elites gerenciais que organizam seu espaço de forma cosmopolita, móvel e desenraizada e que desorganizam os espaços culturais e históricos das massas.

Na contraface, os territórios ao redor desses nós centrais transformam-se em espaços crescentes de marginalidade. Seus moradores são cada vez mais subordinados e segregados simbolicamente em espaços suburbanos. Dessa forma, as elites criam uma hierarquia socioespacial simbólica poderosa, diferenciando-se nos modos de vestir, comer, mas também habitando e trabalhando em lugares protegidos por barreiras, pelo valor do terreno, pela subcultura específica, muitas vezes escapista e procurando distanciar-se do contato físico com as massas.

Já para Bauman (2009), há espaços urbanos privilegiados para as elites e espaços abandonados, fantasmas, para os “supérfluos”, para os “sobrantes” da economia global. A distância entre estes locais é intransponível. Pelo medo de contaminação, as elites empurram os pobres para espaços marginais (*off-limits*), nos quais não se pode vê-los. A polarização está cada vez mais acentuada, há os cidadãos da “primeira fila”, pessoas ligadas às comunicações globais e abertas a experiências no mundo todo, e os da “última fila” (CASTELLS, in BAUMAN, 2009, p. 28), circunscritos territorialmente, condenados a viver no local e fora das redes comunicativas. Os da primeira fila têm mixofobia, medo de se misturar, assim, isolam-se em pequenas fortalezas com medo de pessoas com vários estilos de vida e tipos humanos, procuram as comunidades de semelhantes, pois quanto mais homogêneo menos negociação de significados. Assim, partindo do pressuposto de que a urbanização é uma forma de cultura e de socialização, é preciso também investigar se esta cultura está sendo construída de modo que, no interior de uma cidade, nas divisões entre bairros, apresentem-se situações em que alguns moradores sejam hipermóveis e outros cada vez mais sedentarizados (VIARD, 2011) e impedidos de mobilidade.



Mas, segundo Bauman (2009), a cidade também é multiforme, plurilinguística, um verdadeiro caleidoscópio da cena urbana, onde há heterogeneidade, atrativos, fusão de horizontes diferentes, acúmulo de experiências, espaços abertos convidativos e acolhedores. A cidade pode oferecer espontaneidade, flexibilidade, capacidade de surpreender e de oferecer aventuras, e o espaço público ainda é o lugar de acolhida das diferenças, capaz de tornar a vida mais interessante e intensa.

## 2. O uso do tempo livre das crianças e a desigualdade entre os bairros

### 2.1 Conhecendo o público da pesquisa: renda familiar, aspectos étnico-raciais das crianças e escolaridade dos pais

Dos 1600 questionários entregues, retornaram 1060 (66,3% questionários respondidos). Com relação à renda familiar das famílias que responderam ao questionário, é preciso que se diga antes, que a cidade de Curitiba apresenta um rendimento mensal mediano dos domicílios particulares permanentes, segundo o IBGE (Censo 2010), de 4,5 salários mínimos. As famílias com maior rendimento mensal se situam na região central e norte da cidade e as com salários médios, no centro, norte mas também um pouco abaixo do centro. Já as com menores rendimentos, encontram-se nas bordas e, mais acentuadamente, no sul ou extremo sul da cidade. Os dados das famílias da pesquisa coincidem com essa situação. As famílias que apresentaram maior renda familiar (mais de 5 salários mínimos) foram as do centro (Ls-MZ) e do norte (Ls-SF); e as com menores rendas (até 1 salário mínimo) foram as do sul (Ls-CIC) e extremo sul (Ls-PN).

Sobre os aspectos étnico-raciais, 72% das crianças da pesquisa eram brancas, seguidas de crianças pardas (17,8%), pretas (4,8%), amarelas (2,8%), indígenas (0,4%)<sup>8</sup> e 2,2% não responderam a questão. Os locais com maior número de crianças negras (somadas as categorias pardas e pretas) foram os do sul da cidade (Ls-CIC com 34,35%, Ls-PR com 31,39% e Ls-CJ com 27,18%) o que não é surpresa, pois, é justamente no sul (e também no sudoeste e sudeste) da cidade que existem mais moradores negros.

Quanto à escolaridade dos pais ou responsáveis, as do centro (Ls-MZ), norte (Ls-SF) e as sul (Ls-CJ; Ls-PR) foram os que indicaram possuir maiores níveis de escolaridade (Ensino Superior e Pós-Graduação). Já o Ls-CIC na região sul e o Ls-PN e Ls-BN no extremo sul, foram as que apresentaram um número maior de famílias com apenas o Ensino Fundamental (completo ou incompleto).

Esses dados já começam a indicar uma desigualdade na cidade, quanto mais ao norte ou região central, mais as famílias têm renda familiar maior, maior escolaridade e suas crianças são, em maior número, brancas. Quanto mais ao sul e principalmente extremo sul, a situação se inverte.

### 2.2 O uso do tempo após o horário escolar: uma tentativa de enquadramento das crianças do sul e extremo sul

Para conhecer mais sobre o uso do tempo das crianças fora do horário escolar, perguntou-se sobre as atividades extracurriculares que elas faziam durante a semana. Somente 35% das crianças, no geral, faziam atividades extracurriculares na própria escola depois ou antes do horário da aula. Destas, as do sul e do extremo

<sup>8</sup> Conforme o Censo do IBGE. Ver sobre as diferenças de socialização nos bairros, relacionadas às questões raciais, em FERNANDES e SANTOS, 2018.

sul da cidade foram as que mais realizaram esse tipo de atividade (Ls-PN, 45,5%; Ls-PR, 42,2%; e Ls-CIC, 41%). Mas foram as crianças da região central e norte as que mais realizaram atividades mais próximas de um modo escolar de socialização<sup>9</sup> (como aulas de Leitura e Xadrez, por exemplo). Só para se ter uma ideia, tirando a média das respostas das regiões central e norte (MZ, BV, SF), obteve-se, proporcionalmente, uma pontuação de 4,6 menções a este tipo de atividade; já, quando se agrupou as seis localidades à região sul (PR, BQ, CIC, CJ, PN, BN), obteve-se uma média de 1,5 menções.

Com relação às atividades ligadas à arte e cultura, houve uma porcentagem também um pouco maior de citações nas regiões norte e central (que citaram, por exemplo, Fanfarra, Pintura e Coral) do que as do sul e extremo sul (ainda que tenham citado também atividades como Coral e Teatro).

Um dado impactante foi o referente às atividades ligadas ao ensino de valores e cidadania, como a atividade da Guarda Mirim em que um policial municipal fardado desenvolve atividades com as crianças, na maior parte das vezes, na escola, em período contrário ao da aula. Enquanto as regiões central e norte (MZ, BV, SF) apresentaram proporcionalmente uma média entre as três localidades, de 2,3 menções a este tipo de atividade, as dos seis bairros ao sul e extremo sul (PR, BQ, CIC, CJ, PN, BN) apresentaram proporcionalmente uma média de 6 menções, ou seja, quase o triplo de menções no segundo caso. Assim os dados parecem indicar que quanto mais ao sul mais aumentam os índices de atividades relacionadas a uma determinada civilidade, obediência e docilidade dos corpos. Uma das crianças da pesquisa exploratória, ao se referir às aprendizagens que estava tendo com a Guarda Mirim, comentou: “*Tem dois caminhos, eu tô indo pro caminho bom, daqui a vinte e cinco anos eu sei bater continência, eu sei respeitar os outros. ‘Vai! Descansar! Sentido! Atrasou os dois’ (e vai dando a ordem unida)*” (in FERREIRA, V., 2016). Isso parece ser um dado muito importante quando se pensa em que ambientes se dão os processos de socialização das crianças moradoras do norte e centro por um lado, e as do sul e extremo sul, por outro. É preciso pensar o que significa ter um guarda nas suas redes de interdependência, ou uma professora de arte. Segue-se agregando outros dados para essa reflexão.

Com relação às atividades ligadas ao esporte, tanto a região norte e central quanto a sul e extremo sul se equilibraram, e foi o tipo de atividade mais citada, apresentando 156 menções (em comparação com as ligadas ao modo escolar com 23 menções, as de Arte com 25 menções e as do Guarda Mirim, mais alta, com 43 menções). Mas a região norte e a central apresentaram maior variedade de atividades (11 diferentes tipos) em detrimento das do sul e extremo sul (9 tipos). No norte as atividades mais citadas foram o vôlei, o tênis e a dança, e as do sul e extremo sul, atletismo, futebol e vôlei. O futebol, por exemplo, é mencionado 32 vezes no sul e extremo sul e apenas 1 vez na região norte e central. Por outro lado, o tênis é citado 14 vezes na região norte e central e apenas 6 vezes na sul.

No questionário também se perguntava se a criança realizava atividades extracurriculares fora do ambiente escolar e 71% das crianças não realizava nenhuma atividade. Dentre os bairros que mais realizaram esse tipo de atividade destacaram-se no centro o Ls-Matriz (39%), no sul, o Ls-Portão (31%) e no extremo sul o Ls-Bairro Novo (27%).

Dos que faziam atividades, 24,8% responderam utilizar espaços públicos para tal finalidade (com um índice maior para as crianças do extremo sul, mas, também

---

<sup>9</sup> Ver sobre isso em Vincent, Lahire e Thin (2001).

para as do centro); 62% afirmaram realizar atividades em instituições privadas (com um índice maior para as crianças do norte e centro); e 13,2% responderam frequentar instituições do terceiro setor como ONGs e associações religiosas (mais as crianças do sul e extremo sul). Entre as instituições públicas foram citados os equipamentos da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ), da Fundação de Assistência Social (FAS), a Biblioteca Pública do Paraná, equipamentos ligados à Fundação Cultural, parques da cidade entre outros.

Muitas das atividades pagas mencionadas foram agrupadas aqui sob o nome de “Investimento Pedagógico”, e englobaram: cursos de línguas; cursos preparatórios para a entrada no 6º ano em escolas públicas tidas como renomadas (por exemplo, o Colégio Militar do Paraná); aulas de reforço escolar do método Kumon; aulas particulares. Nas atividades aqui chamadas de “Arte e Cultura” englobou-se: balé, teatro, aulas de instrumentos musicais, entre outras. Em “Tecnologia”, as aulas de Informática. No geral as atividades mais indicadas foram, em primeiro lugar, as relacionadas ao Esporte e em segundo lugar, as de Investimento Pedagógico.

Com relação ao Esporte, os bairros do extremo sul foram os que apresentaram índices mais elevados nessas atividades, como Ls-BN (57,50%) e Ls-PN (56,16%). Mas, quando se analisou quem ofereceu a maior variedade de esportes, a Ls-MZ (centro) apareceu em primeiro lugar. É curioso que os locais pesquisados da região norte e central (Ls MZ, BV, SF) apresentaram esportes bem mais elitizados, como a Yoga e a Equitação. Já os seis outros locais ao sul, juntos, apresentam um grande índice de menções a atividades ligadas à luta ou à defesa pessoal (foram uma média de 4,3 menções ao sul e extremo sul, contra 1,3 ao norte e centro). As atividades mencionadas relacionadas à defesa pessoal foram bem variadas: Muay Thai, Taekwondo, Judô, Artes Marciais, Karatê, Luta, MMA, Jiu-Jitsu. Sobre essa questão, é possível relacionar a escolha por estes tipos de atividades com o índice de violência dos bairros. No caso de Curitiba, coincide a escolha por atividades de defesa pessoal em bairros que apresentam índices maiores de violência (o índice de criminalidade é maior nos bairros do sul, extremo sul, sudeste e sudoeste da cidade do que no centro e norte). Também coincide atividades mais tranquilizadoras (yoga, meditação, balé) em bairros menos violentos. Essas questões acima descritas demonstram o quanto os processos de socialização são diferentes. Enquanto algumas crianças do sul e extremo sul compõem o uso do tempo livre, realizando atividades mais próximas de um determinado enquadramento do corpo preparado para enfrentar a violência, outras ao norte e centro, socializam-se em ambientes mais tranquilos.

Com relação a atividades mais próximas de um modo escolar das crianças se socializarem, há uma tendência de bairros mais ao norte e centro citarem mais este tipo de atividade (norte e centro com o dobro de menções que os bairros ao sul e extremo sul). Por exemplo, quem apresentou índices mais elevados na realização de atividades de Arte e Cultura foram os três locais ao norte ou centro: Ls-Mz (20,3%), Ls-BV (15,6%) e Ls-SF (15,6%), com variadas atividades, como Coral, Violino, Xadrez e Mangá. Quanto a outras atividades de Investimento Pedagógico (aulas de inglês, Kumon etc.), os que apresentaram os maiores índices foram novamente o Ls-BV (56,8%) e o Ls-SF (46,8%) ao norte, mas também o Ls-PR (53,1%) ao sul, bairro esse com uma boa oferta de atividades e possibilidades de locomoção no bairro.

Com relação às atividades ligadas à Tecnologia (aulas de informática na sua maior parte), os bairros ao sul e extremo sul apresentaram maiores índices. O interessante é que nesta parte da cidade também foram mencionadas mais

atividades ligadas ao mundo do trabalho ou atividades manuais, como, por exemplo, o “Curso de operador de computador”, o artesanato e as aulas de tricô. Em contraposição, houve uma menção ao norte para o “Curso de Maquiagem”.

Destaca-se ainda que o Ls-MZ (central) foi o local pesquisado que mais apresentou frequência em quase todos os tipos de atividades no bairro. Ao que parece, morar em regiões centrais oferece maior possibilidade de variedade de saídas para atividades extracurriculares no bairro.

Apareceram ainda menções a uma diversidade de visitas para tratamento de saúde/psicológicos. Os bairros centrais e ao norte apresentaram o dobro de frequência a esses locais de tratamento, sendo que as menções, são para visitas, em boa parte pagas, a psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicoterapeutas e fisioterapeutas. Já, nos bairros ao sul e extremo sul, as crianças frequentam mais espaços públicos com a Sala de Recursos, o Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado (CMAEE), o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e fazem Reeducação Visual, Psicopedagogia e Fonoaudiologia. Não se pode deixar de destacar o que significa para os processos de socialização das crianças, esse alto índice de visitas para tratamentos psicológicos/médicos. O que significa, nas suas redes de interdependência cotidianas conviver com tantas pessoas ligadas à área da saúde?

Já com relação ao tempo para brincadeiras, as famílias, de modo geral, independente do bairro em que moravam, disseram que as crianças brincavam mais em casa e assistiam mais TV do que brincavam na rua. Sobre as saídas autônomas pelo bairro, o comércio apareceu como o lugar mais frequentado pelas crianças. E 79,33% delas iam sozinhas ou com amigos a pelo menos um lugar do bairro (o lugar mais frequentado foi a Padaria com 61%, seguido do Mercadinho com 24,49%). No entanto, menos de um terço delas ia até três lugares sozinhas. Caso se pense que crianças mais autônomas no bairro poderiam ir, por exemplo, a mais de 3 lugares do bairro, poucas seriam as crianças com este grau de autonomia. Dentre os lugares mais frequentados apareceram ainda o supermercado, a farmácia, o aviário, a loja de roupas, a *Lan House* e a locadora. Sobre o caminho casa-escola, somente 16% das crianças iam sozinhas. Muitas famílias escreveram no lugar destinado para críticas e observações, que seus filhos não saíam sozinhos por questões ligadas à violência (ex.: "Não estou deixando ir ao mercado sozinho, é raro. Não dá para deixar nem ir ao parquinho, porque a segurança é péssima. o jeito é ficar dentro de casa..."). Esses dados demonstram por um lado, o quanto as crianças estão fechadas em suas casas e também o quanto o bairro apresenta-se hostil a elas. O exercício da autonomia fica distante e a relação com o espaço é explicada, em muito, pelo mundo adulto, como analisado por Qvortrup, em outra seção. Por outro lado, fica nítido que a maioria das famílias, independente dos bairros, tem um cuidado com as saídas das crianças, desmistificando a ideia recorrente de que as crianças das periferias “ficam largadas” pelo bairro.

### **3. O uso desigual dos espaços de lazer e cultura entre os bairros e na cidade**

Com relação a outros espaços do bairro e da cidade frequentados pelas crianças, investigou-se, a respeito do bairro de moradia, sobre a utilização de parques e praças do próprio bairro e a respeito dos espaços da cidade, sobre a visita a museus, shoppings, cinemas, espaços religiosos e parques da cidade.

Sobre os parques, é preciso destacar que, quando se fala em Curitiba, uma primeira imagem que vem à mente é o *slogan* reconhecido nacional e

internacionalmente, de “capital ecológica”, de cidade com importantes áreas verdes. Mas, verifica-se que, embora existam espaços verdes de norte a sul da cidade, a quantidade de parques é bem maior na região central e norte do que na sul e extremo sul. É também nas regiões central e norte que se encontram, como explicam as famílias, os parques mais bem equipados, com manutenção frequente, e os mais famosos.

Sobre os parques do próprio bairro de moradia verificou-se que 50,2% das famílias, de modo geral, disseram frequentá-los. No entanto, foram as famílias do norte e centro as que mais utilizavam (Ls-BV, 77,9%; Ls-MZ, 65,1%; Ls-SF, 57,4%). Já com relação às visitas a outros parques da cidade, as famílias apontaram para um índice um pouco maior de frequência (63,6%). E as que mais assinalaram frequentar foram coincidentemente as dos mesmos bairros que registraram índices altos na utilização de parques do bairro, o que faz supor que, para se utilizar parques, é preciso morar perto deles. As famílias também poderiam escrever os nomes dos parques que frequentavam e foi interessante observar que algumas escreveram outros espaços que não são considerados parques, como, por exemplo, praças, jardinetes, mas também espaços privados de lazer (Pesque-Pague, Parques de Diversão, Parques Aquáticos) e espaços religiosos (Chácara dos Padres). Justamente as famílias que contam com menos parques públicos em seus bairros foram as que mais citaram este tipo de local alternativo ou privado (Ls-PR, Ls-BQ e Ls-CIC, no sul, e Ls-BN e Ls-PN no extremo sul da cidade).

Enfim, ao que parece, com relação aos parques da cidade e do bairro, as crianças da pesquisa que moravam ao sul e extremo sul tiveram menos influência desses espaços em seus processos de socialização e, em última instância, pagavam por lazer.

Quanto ao uso das praças do bairro, as famílias apresentaram uma frequência ainda menor do que a dos parques, com 43,4%. Percebeu-se que as crianças dos bairros que mais usaram as praças foram as dos bairros central (Ls-MZ) e sul (Ls-BQ). Sobre as primeiras, isso se dá não só porque há uma grande quantidade de ofertas na região central, mas, segundo as crianças com as quais se conversou na segunda parte da pesquisa, porque se sentem seguras para frequentá-las. Já as crianças do sul, do bairro Xaxim, contam com uma praça famosa e muito utilizada, a Praça dos Menonitas. Com relação ao índice alto de não utilização por parte das crianças da região sul (Ls-CIC) e extremo sul (Ls-BN; Ls-PN) relaciona-se com a falta de manutenção desses espaços e também por questões como a falta de segurança, violência e a utilização de alguns desses espaços para venda de drogas, como relatado pelas crianças posteriormente.

Perguntou-se para as famílias também sobre o uso de espaços religiosos do bairro. De modo geral, 70,9% das famílias disseram frequentar. Esse índice é o mais alto de todos, só ultrapassado pela frequência a Shoppings (72,9%), como se verá na sequência. As famílias que mais disseram frequentá-los foram as da região sul (desta vez, Ls-BQ) e extremo sul da cidade (Ls-BN, Ls-PN), parecendo tal opção, para além do motivo religioso em si (o que precisaria ser melhor investigado), ter relação também com a falta de outras opções de espaços de lazer e cultura para as crianças nessas regiões. As famílias que menos disseram utilizar esses espaços foram as das regiões norte (Ls-BV; Ls-SF) mas também o CIC, ao sul.

Com relação ao uso de shoppings, de modo geral, 72,9% das crianças utilizavam, sendo este o maior índice de frequência a espaços da cidade mencionados, ultrapassando os espaços religiosos. As crianças com maior frequência foram as do sul (Ls-PR, 85,3%; Ls-BQ, 75,2%), mas também, ao norte,

as de Santa Felicidade (Ls-SF, 79,8%). As com menor frequência, do norte, foram as do Pilarzinho (Ls-BV, 57,7%), e do sul e extremo sul, Ls-CIC (68,9%) e Ls-PN (68,3%).

Curioso pensar que o bairro Novo Mundo no Portão, não tendo praticamente parques à sua disposição (e estando geograficamente próximo de uma variedade de shoppings), é o que mais apresentou o shopping como uma possibilidade de utilização do espaço do bairro para as suas crianças (85,3%). Já as crianças de Santa Felicidade, ao norte, parecem ter tanto parques quanto shoppings à sua disposição (apresentaram altos índices nesses dois espaços). Outro dado importante é que o Pilarzinho (Ls-BV), ao norte, oferecendo uma diversidade de parques, museus, teatros e outros equipamentos de lazer e cultura mais próximos é um dos locais pesquisados que menos indicou visitas a shoppings (57,7% contra 85,3% no Novo Mundo). Já o pouco uso do shopping pelas crianças da CIC (ao sul) e do Pinheirinho (extremo sul) parece estar relacionado a um menor poder aquisitivo dos moradores da região tanto para o consumo quanto para o deslocamento a esses locais distantes.

E, sobre a localização espacial dos shoppings na configuração da cidade, percebe-se que estes apresentam-se com maior incidência na região central e sul. Caso se compare a localização dos shoppings com a dos parques, confirma-se o porquê de um local ao norte, como o Ls-BV, por exemplo, oferecer espaços de socialização para suas crianças, mais voltada para a natureza e um outro, como o Ls-PR, por exemplo, uma socialização mais ligada ao consumo. Assim, precisa-se problematizar, como se tecem as redes de interdependência de crianças, expostas à sedução do consumo, frequentando espaços que são, conhecidamente, sem história e sem memória, onde o tempo é congelado e os espaços perfumados e homogêneos fazem as pessoas passarem horas envolvidas com esse novo “templo” que a cidade oferece (sublinhando novamente que este “templo” ultrapassou a porcentagem de uso dos espaços religiosos).

Outra questão ainda foi verificar que determinados shoppings são frequentados por crianças e famílias de determinadas regiões da cidade, o que demonstra uma “não mistura” entre visitantes de diferentes bairros. Assim as crianças dos bairros do sul, com um menor poder aquisitivo, frequentam em peso o shopping Palladium e o Total, enquanto shoppings como o Barigui e Batel, por exemplo, ficam preservados para famílias com um poder aquisitivo maior e que moram mais ao norte ou região central da cidade. Assim, em último caso, crianças ricas e de classe média não esbarrariam em crianças pobres o que ajudaria, em muito, no escapismo físico (CASTELLS, 2009), na mixofobia (BAUMAN, 2009) das camadas superiores, como já apontado anteriormente.

Já com relação às visitas ao cinema, de modo geral, 64,4% das famílias disseram frequentar. As crianças do Boqueirão ao sul (Ls-BQ, 72,1%) e as duas ao norte (Ls-SF com 71,3% e do Ls-MZ, com 70,5%) foram as que mais disseram utilizar. As do Boqueirão aparecem com um índice elevado, pois, no Xaxim há o Shopping Sports, shopping pequeno (“o shoppinho”), mas com um cinema barato e perto das casas das crianças da pesquisa. Por não terem parques próximos de casa, a ida ao shopping e ao cinema parece ser um passeio atrativo para as famílias dessa região, e, por ser um bairro da região sul (assim como o Novo Mundo, no Portão), com um poder aquisitivo um pouco maior do que os outros bairros pesquisados no extremo sul, talvez explique este índice alto de frequência. Os índices altos para Santa Felicidade e Matriz (norte e centro) podem estar relacionados com maior poder aquisitivo e mobilidade para este tipo de lazer.

Com relação aos museus, sabe-se que Curitiba tem vários deles, a maioria localizados na região central. De modo geral, 50,6% das famílias disseram utilizá-los, um dos menores índices de frequência a espaços da cidade (só perdendo para a baixa frequência a praças, com 43,4%). As crianças que mais frequentaram foram, em primeiro lugar, as do Ls-PR (85,3%) que têm um museu no bairro ao lado do seu, depois Ls-SF (79,8%) e Ls-MZ (72,9%), novamente bairros ao norte e central, com acesso a uma incrível diversidade desses espaços. As que menos disseram visitar foram as do sul e extremo sul (Ls-CJ com 21,3%; Ls-BN com 29,4% e Ls-CIC com 29,2%). Estes números referentes aos museus são os mais díspares entre os dados da pesquisa, ou seja, há uma grande distância entre os que mais vão (em torno de 70% a 80%) e os que menos vão (em torno de 20% a quase 30%). Novamente parece haver uma relação entre ir mais a esses lugares por famílias que contam com essas opções no seu bairro ou em bairros muito próximos.

### **Puxando os fios dos dados, construindo pistas sobre as redes de interdependência das crianças da pesquisa**

Este estudo, a partir da reflexão sobre alguns dados quantitativos, começa a evidenciar a ponta do iceberg de como são compostas as redes de interdependência de crianças curitibanas no que diz respeito aos seus contextos urbanos.

Sabe-se que foi na sequência da pesquisa, quando se conversou com as próprias crianças – o que aqui não se pôde explorar –, que de fato se evidenciou quais eram as apropriações ativas que as crianças faziam desses lugares. Elas apresentaram estratégias para tirar o melhor proveito de lugares por vezes abandonados pelas políticas da cidade, para com isso poder exercer o seu direito à cidade. Isso quer dizer que esta parte da pesquisa aqui apresentada, talvez pareça generalizar muito os dados e tencionar demais os contextos onde ocorrem os processos de socialização entre crianças moradoras do norte/centro e as do sul/extremo sul da cidade. As pesquisas subsequentes, com as próprias crianças, ou ainda a análise dos dados quantitativos, em cada bairro (relações intrabairros, a partir das diferenças entre perfis, mencionado no início deste texto) parecem trazer novas nuances para a forma com que as crianças se socializam e tecem suas redes de interdependência. Assim, girando o caleidoscópio para se analisar os dados interbairros, um tipo de desenho aparece, girando na direção intrabairros e/ou escutando os dados das próprias crianças, outros desenhos se formam. Mas o importante é que cada um deles revela um aspecto de como as crianças estão podendo exercer o seu direito à infância em contextos urbanos na atualidade.

Dito isso, a parte da pesquisa aqui apresentada mostra, já de início, uma desigualdade entre bairros que oferecem uma série de equipamentos de lazer e cultura importantes para os processos de socialização das crianças e outros que não oferecem tantos espaços assim. Isso demonstra que o antigo conceito de centro e periferia, em alguns aspectos, ainda pode ser utilizado (pois atualmente, em grandes cidades, pode-se encontrar um desenho um pouco diferente, em que o poder econômico, social e de informação, esteja também nas periferias ou sendo controlado, em última instância, a partir de uma ilha remota, ou internacionalmente).

Mas, no caso das crianças da pesquisa, quanto mais elas moravam em uma região que se afastava da região central e da norte (mas, não no extremo norte), mais suas redes de interdependência, no que diz respeito ao uso dos espaços consolidados da cidade, apresentaram-se pouco elásticas. Essas crianças parecem estar próximas daqueles indivíduos a que Castells (in BAUMAN, 2009, p. 28)

chamou “os de última fila”. São pouco móveis, cada vez mais “sedentarizadas” (VIARD, 2011), enraizadas em locais simbolicamente desqualificados e segregados. São excluídas em uma cidade que produz desigualdade. Moram em “espaços de subordinação” (CASTELLS, 2009) longe de parques, museus e de outros espaços culturais consolidados. As praças perto de suas casas têm a tendência de ser mal cuidadas e, muitas vezes, utilizadas para o tráfico de drogas.

Estas crianças (com recursos financeiros menores do que as crianças da região norte e central) contam com poucos espaços públicos de qualidade próximos à sua moradia. Muitas crianças do sul (mas não do extremo sul, pois suas rendas não permitem) estão também mais expostas à sedução do consumo, indo aos shoppings – como diz uma das crianças em pesquisa posterior, “único lugar que a gente tem para ir” – e, em último caso, se obrigam a pagar por lazer privado (Piscina de Bolinhas, Parques de Diversões dos shoppings ou ainda o Pesque-Pague). Onde o Estado se ausenta de criar espaços públicos de qualidade, o poder privado avança. E esses espaços de consumo, além de apresentarem uma arquitetura repetitiva, nua e diáfana, são espaços homogêneos onde a diversidade é afastada.

O conteúdo das redes de interdependência dessas crianças também é permeado pela alta frequência à Igreja e por uma forte institucionalização em Ongs e outros locais que procuram realizar um forte enquadramento cívico e moral.

Entre as atividades de esporte, as ligadas à defesa pessoal são acentuadas e parecem indicar o medo de viver em bairros vulneráveis e inseguros. As crianças moradoras do extremo sul, ao que parece moram mais próximas do que Bauman (2009) chamou de “zonas fantasmas”, “espaços de abandono”, apresentando as mais curtas e menos variadas saídas.

Já as crianças da pesquisa que moravam em regiões mais próximas da região central da cidade e da norte (é bom lembrar que trata-se também de crianças da escola pública municipal, mas, com maiores recursos financeiros tendo, algumas, renda familiar mais próxima da classe média), foram as que apresentaram maior mobilidade espacial no bairro e na cidade. Seus bairros de moradia são mais antigos e, portanto, com maior quantidade de equipamentos culturais e de lazer consolidados. Estavam mais propensas a fazer atividades extracurriculares pagas, mais próximas do modo escolar de socialização, ligadas à arte e cultura, também mais variadas e elitizadas (por exemplo, mangá, xadrez, violino, equitação, mas também Kumon e Escola de Idiomas). Essas crianças apresentaram maiores possibilidades de passear em diversos locais como museus, teatros e cinema, tendo acesso também facilitado à diversidade de equipamentos públicos culturais e de lazer oferecidos pela cidade. Muitas delas iam menos ao shopping e mais aos diversos parques e praças existentes e bem equipados próximos de suas casas. Neste sentido, observa-se o ganho para as redes dessas crianças com a utilização de espaços públicos, que são, em geral, mais abertos à diversidade, a heterogeneidade e com maior possibilidade de negociação de significados.

Enfim, se quer chamar a atenção aqui para dois pontos que podem parecer paradoxais. O primeiro é que as políticas de cidade devem considerar que, de modo geral, quanto mais os espaços de lazer e cultura estão próximos das pessoas, mais as pessoas os utilizam. E, o segundo, é que as políticas públicas também devem proporcionar às crianças saídas, viagens, mobilidades mais longas, de modo que elas possam escolher o que querem conhecer. Assim, também “não se trata de procurar re-sedentarizar a sociedade, trata-se de propor ofertas de proximidade que permitam concentrar deslocamentos sobre as mobilidades escolhidas limitando as mobilidades impostas.” (VIARD, 2011, p. 125)



Conclui-se, portanto, que os espaços de lazer e cultura consolidados (museus, parques etc), são distribuídos de forma desigual às crianças moradoras dos diferentes bairros da cidade. Se o espaço é poder, ele também pode influenciar nos processos de socialização das crianças, ajudando na produção de redes de mobilidade espacial mais móveis, elásticas e densas.

E sobre as diferenças intrabairros mencionadas no começo do texto, só para se ter ideia, as análises já estão demonstrando que também não basta morar na região norte e central da cidade para poder ter acesso a todos esses equipamentos. A depender do local do bairro em que se mora (mais central ou mais afastado), muitos outros impedimentos e desafios se colocam (FERREIRA, V. e FERNANDES, no prelo).

Ainda sobre esses dados quantitativos, segue-se analisando se há diferenças nos processos de socialização das crianças no bairro e cidade relacionadas a gênero (FIORESE, 2016), raça (FERNANDES e SANTOS, M., 2018), antiguidade de moradia no bairro (FERREIRA, V., et al., 2018), e ainda com relação às micro-produções culturais das crianças e famílias (FERREIRA, V. e SANTOS, R., 2019) e à localização geográfica entre moradia-escola (CARDOSO e FERREIRA, V., 2018). Já com relação aos dados qualitativos, se está analisando como os microespaços criados pelas próprias crianças e ainda os significados, apropriações e alterações que elas mesmas fazem desses espaços, influenciam e são influenciados por suas redes de interdependência.

## Referências

AUTHIER, Jean-Yves. La question des “effets de quartier” en France. Variations contextuelles et processus de socialization. In: AUTHIER, Jean-Yves; BACQUE, Marie-Hélène; GUERIN-PACE, France. **Le Quartier**: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La Découverte, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CARDOSO, Julia do Carmo P. Scholochuski; FERREIRA, Valéria Milena Rorich. Onde estudam as crianças curitibanas? A relação entre o local de moradia das famílias e a localização da escola na cidade de Curitiba. In: Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância. **Anais**. Brasília(DF) UnB, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/territoriosdeinfancia/89066-ONDE-ESTUDAM-AS-CRIANCAS-CURITIBANAS-A-RELACAO-ENTRE-O-LOCAL-DE-MORADIA-DAS-FAMILIAS-E-A-LOCALIZACAO-DA-ESCOLA-NA>>. Acesso em: 26/11/2019.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador 1**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. **Au-delà de Freud**: sociologie, psychologie, psychanalyse. Paris: La Découverte, 2010.

FERNANDES, Sonia Maria; SANTOS, Marcia Cristina dos. A infância negra no contexto dos bairros de Curitiba. In: Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância. **Anais**. Brasília (DF) UnB, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/territoriosdeinfancia/89301-A-INFANCIA-NEGRA-NO-CONTEXTO-DOS-BAIRROS-DE-CURITIBA>>. Acesso em: 26/11/2019.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Práticas Institucionalizadas e Processos de Socialização de Crianças na Cidade. **Revista Cocar**, Belém, v. 9, n. 17, p. 55-64, jan./Jul. 2015.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Deslocamento de Crianças nos Bairros de Curitiba e sua Relação com Processos de Socialização. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 10, n. 1, p. 52-68, 2016.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich; FERNANDES, Sonia Maria. **Infância e Justiça Espacial**: Desigualdades intrabairros e na apropriação da cidade por crianças curitibanas. (no prelo)

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich; FERREIRA, Solange Pacheco; SANTOS, Rojanira Roque dos. Antiguidade de moradia no bairro, origem geográfica das famílias e sua relação com usos e vivências das crianças na cidade e no bairro. In: **Anais** do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância. Anais. Brasília(DF) UnB, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/territoriosdeinfancia/89176-ANTIGUIDADE-DE-MORADIA-NO-BAIRRO-ORIGEM-GEOGRAFICA-DAS-FAMILIAS-E-SUA-RELACAO-COM-USOS-E-VIVENCIAS-DAS-CRIANCAS-N>>. Acesso em: 26/11/2019

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich; SANTOS, Rojanira Roque dos. Inventário das microproduções dos espaços da cidade: crianças, famílias e cultura comum no bairro e na cidade. XIV Congresso Nacional de Educação – **EDUCERE**, Curitiba, 2019.

FIORESE, S. Gênero e cidade: uma análise de conversas com meninos e meninas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. In: Seminário Nacional Infâncias e Juventudes na cidade: um diálogo com a educação, 2017, Vitória. **EIXO 1: Educação, Infância e Cidades**, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico do Brasil**, 2010. (<https://censo2010.ibge.gov.br/>)

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo, Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002a.

LAHIRE, Bernard. **Portraits sociologiques**: dispositions et variations individuelles. Paris: Nathan, 2002b.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 391-403, maio/ago. 2005.

PAQUOT, Thierry. **L'espace public**. Paris: La Découverte, 2010.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a infância como um fenômeno social. **Proposições**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211, jan./abr. 2011.

REMY, Jean. **L' espace, un objet central de la sociologie**. Toulouse: Éditions Erés, 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa, refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, v. 23, n. 1, p. 17-40, jun./jul. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel; PINTO, Manuel (Orgs.). **As crianças: contextos e identidades**. Minho: Universidade do Minho, 1997. p. 9-29.

VIARD, Jean. **Eloge de la mobilité**: Essai sur le capital temps libre et la valeur travail. Paris: Editions de l'Aube, 2011.

VINCENT, Guy; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 33, jun 2001, p. 7-47.

Enviado em: 09/fevereiro/2019 | Aprovado em: 18/julho/2019